

Conformações psicossociais do trabalhador desempregado: dados sobre local de moradia e religião professada

Angelita de Oliveira Almeida. Mestranda em Educação pela UFMS. angelheus@hotmail.com

Inara Barbosa Leão. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS. inarableao@hotmail.com

Jeferson Renato Montreozol. Mestrando em Educação pela UFMS. Jeff_brother2003@hotmail.com

Luciana do Carmo Ferreira. Graduada em Psicologia pela UFMS. Lu_dcf@hotmail.com

Lívia Gomes dos Santos. Mestranda em Educação pela UFMS. liviagomess@hotmail.com

Priscilla Soares Teruya. Mestranda em Educação pela UFMS. pripsipoca@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir as análises finais do Perfil Psicológico do trabalhador desempregado no Estado de Mato Grosso do Sul, especificamente o que se refere à religião e locais de moradia. Tais dados resultaram da pesquisa: Implicações Psicossociais do Desemprego para a Consciência Individual: Manifestações no Pensamento e na Emoção, que se embasou nos pressupostos do Materialismo Histórico Dialético e na Teoria Psicológica Sócio-Histórica para compreender como alteram os processos de subjetivação e quais conseqüências devidas à ausência do trabalho empregado.

O Estado de Mato Grosso do Sul possui hoje setenta e oito (78) municípios. Tem uma população estimada em 2.264.468 mil habitantes, segundo os dados do IBGE referente a 2007. As principais fontes econômicas do Estado são agricultura, pecuária e extração mineral.

É possível verificar a diversidade do Estado, tanto em níveis econômicos quanto cultural. Sendo este muitas vezes um fator atrativo para a migração de pessoas de outras regiões do País, como por exemplo, São Paulo, Santa Catarina e Paraná, dados estes que aparecem na pesquisa. Porém a quase totalidade dos desempregados são residentes no Estado de Mato Grosso do Sul, ainda que as características do Estado poderiam contribuir para uma configuração diferente já que faz parte da região Centro-Oeste do Brasil, junto com Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal, e divide a fronteira ao sul com dois países: Bolívia e Paraguai. Também faz divisa com cinco Estados brasileiros: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso.

Tal localização tem contribuído para o seu desenvolvimento econômico, em face da proximidade dos grandes centros consumidores do País. Devido à sua posição geográfica o Estado desenvolveu-se rapidamente, recebendo imigrantes portugueses, espanhóis e paraguaios, assim como mineiros, paulistas e nordestinos, mas que hoje integram a sua população fixa.

O que explica tal situação é o fato do Estado ainda manter uma intensa atividade rural, reproduzindo uma das condições para a constituição da organicidade do capitalismo, ou seja a organização das cidades em oposição ao campo, pois com a multiplicação das cidades apareceu, simultaneamente, a necessidade de administração, de polícia, de impostos etc., tudo o que a literatura sociológica e política trata como a necessidade de organização comunal e, portanto, da política em geral.

Entende-se que esta divisão entre o urbano e o rural, tão evidente em Mato Grosso do Sul conserva a divisão da população em duas grandes classes, determinadas e constitutivas da divisão do trabalho e dos instrumentos de produção. Assim sendo, ainda podemos considerar que

(...) a cidade já é o fato da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, ao passo que o campo evidencia exatamente o fato oposto: o isolamento e a separação.(...) A separação entre a cidade e o campo pode ser concebida também como a separação entre o capital e a propriedade da terra, como o começo de uma existência e de um desenvolvimento do capital independente da propriedade da terra, como o começo de uma propriedade que tem por base somente o trabalho e a troca. (K. MARX e F. ENGELS, 1989, pag. 77-9).

Estas condições atualizam-se conforme as características que o capitalismo vai construindo no seu desenvolvimento, estabelecendo uma infra-estrutura econômica que gera a sua superestrutura ideológica. Por esta é que o Estado de Mato Grosso do Sul alimenta a intensificação do trabalho nos moldes do atual modo de produção, o qual, dentre outros aspectos, tem promovido o desemprego em favor da automação em todas as áreas econômicas. Este aspecto, apresentado como fator de desenvolvimento, tem alimentado as proposições de aumento da qualificação do trabalhador, a exigência de experiência prévia cada vez mais longa. Tais requisitos se mostram completamente dispensáveis quando o maquinário já tem incorporado em si as características para seu próprio funcionamento, o que atualmente é próprio de todo instrumento computadorizado.

Portanto, depreendemos que os trabalhadores desempregados deste Estado também já se encontram submetidos à ideologia que os desqualifica para justificar as condições favoráveis para a produção sob o modelo de substituição da força de trabalho humana por máquinas automatizadas. Psicossocialmente este implica para o trabalhador desempregado em alterações na sua subjetividade uma vez que a personalidade não é a individualidade, mas depende da sua constituição promovida pelas relações com o seu meio social. A individualização se deve a que as características congênitas e as adquiridas reajam entre si provocando modificações no conteúdo objetivo das necessidades e nas necessidades dominantes da conduta que se vão formando ontogeneticamente. Sendo um produto do desenvolvimento filio e ontogenético, a personalidade do trabalhador desempregado vem se produzindo como um produto do desenvolvimento da interação com o meio e não do meio tomado como em si, o que se mostra bastante desagregada devido às contradições postas pela cultura, a tradição e as condições econômicas vigentes no Estado em oposição às condições de sua observância pelos indivíduos diante da falta de emprego.

1- Sobre o Local de Residência dos Trabalhadores Desempregados

Para este estudo os locais de residência dos trabalhadores desempregados são considerados como um dos aspectos que influenciam na constituição genética dos processos superiores da consciência humana individual. Isto porque o funcionamento psicológico humano se organiza no indivíduo como um conjunto de estruturas e constituintes das interações de cada indivíduo com o seu meio físico e social. São processos subjetivos que se objetivam como Consciência, Atividade, Identidade e Afetividade.

Como a afetividade, a atividade, a identidade e a consciência surgem e se estruturam em um determinado meio social, implicam que cada indivíduo tem determinadas possibilidades de desenvolvimento condicionadas pelo seu meio concreto e que diferentes meios socioculturais oferecem possibilidades diversas de desenvolvimento aos indivíduos.

Os dados desta pesquisa revelam que a grande maioria dos desempregados entrevistados é residente em Campo Grande. O que implica em considerar que a cidade não tem atraído trabalhadores desempregados que se deslocam em busca de emprego, apesar de Campo Grande ser a capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Entretanto, podem justificar o aparecimento de outras cidades do Estado na pesquisa, sendo elas: Anastácio, Aquidauana, Araçatuba, Coronel Sapucaia, Corumbá, Dourados, Glória de Dourados, Inocência, Rio Brillhante e Umuarama. Os elevados números de comércios e indústrias em Campo Grande (em comparação com outras regiões do estado) é um fator bastante atrativo, principalmente para a população que se encontra em situação de vulnerabilidade. Essas pessoas se deslocam para a capital, acreditando que há um número maior de ofertas e de oportunidades de emprego. E como é possível perceber, a maioria dos residentes em outras cidade são moradores do interior do Estado que acorrem a Campo Grande, provavelmente devido às cidades do interior não estarem absorvendo as suas mão-de-obra, pois os pólos que oferecem algum tipo de emprego já se encontram saturados, ocasionando a “expulsão” desses moradores para outras localidades, geralmente para a Capital do Estado. Podemos dizer que a tendência é o aumento dessa migração, já que o número de desemprego no País tem sido crescente nessas ultimas três décadas.

Em termos psicossociais, indica que os trabalhadores desempregados apresentam características psicológicas semelhantes uma vez que seus desenvolvimentos estão condicionados pelas condições concretas da cidade. As quais se caracterizam pelos seguintes aspectos: a população estimada é de 724.524 mil habitantes (censo 2007), sendo o maior centro urbano do Estado e considerada a terceira cidade mais desenvolvida da Região Centro-Oeste e a 23ª maior cidade do Brasil.

Assim, entendidos os municípios onde residem os trabalhadores desempregados podemos perceber o papel fundamental deles como fatores institucionais sociais na definição da atividade dos desempregados, uma vez que promovem a contextualização psicossocial dos mesmos, já que a atividade de pessoas humanas concretas se dá na coletividade - quer dizer, conjuntamente com outras pessoas - ou em um contexto situacional no qual o sujeito se relaciona diretamente com o mundo circundante de objetos.

Mas, se a retirarmos do sistema de relações sociais e da vida social, a atividade humana não existiria e nem teria estrutura alguma, pois, em suas diversas formas, a atividade individual humana é um sistema no sistema de relações sociais. Não existe sem tais relações. A forma específica na qual existe está determinada pelas formas e meios de interação social e material criados pelo desenvolvimento da produção e que não podem ser percebidos de nenhum outro modo que não seja a atividade das pessoas concretas.

O desemprego tal como está incidindo sobre a população de cada cidade altera os conteúdos dos significados sociais atribuídos aos indivíduos. No caso deste Perfil já se vem indicando que os trabalhadores desempregados são caracterizados pelo meio social onde desenvolvem suas atividades como sujeitos que não correspondem às prescrições estatutárias próprias desta sociedade e, tal condição psicossocial estabelece o aparecimento de novos sistemas e de novas formas de comportamento das pessoas. Destacamos a importância que o local de residência tem por sabermos que a extração dos conteúdos que compõem as suas consciências dá-se no processo de interiorização da própria atividade quando as operações externas condensam-se com processos internos e integram-se em uma função complexa que refrata nos seus processos de pensamento e emoção, os quais ganhando um sentido negativo podem levar ao desalento e a perda da integração com os grupos sociais que lhes proporcionam o apoio para superação da perda do emprego.

Pode-se perceber através dos resultados apresentados na pesquisa, que a manifestação do desemprego está disseminada por todas as regiões de Campo Grande, embora em algumas dessas, os números apareçam com maior frequência - como é o caso da região do

Anhanduizinho, que apresentou 25%, seguida pela região do Bandeira que apresentou 19%. Também constata-se que o desemprego não se concentra apenas nas regiões periféricas da cidade, mas mostra-se disseminado por toda a cidade, parecendo confirmar a sua ampliação independentemente da classe social e dos níveis de escolaridade.

Entretanto, é possível verificarmos indícios da determinação de classe conforme a distinção presente nos bairros de Campo Grande, pois naquele onde estão os que de alguma forma detêm os meios de produção não há referência significativa nesta pesquisa. Conseqüentemente é alta a incidência nos locais onde residem os que precisam vender sua força de trabalho em troca de um salário. Independente deste fator, é possível perceber que o desemprego não se encontra somente entre os moradores da periferia, mas vem atingindo a todos de uma forma geral, embora ocorra com uma intensidade maior em alguns grupos sociais.

Atribuímos tal característica à substituição do trabalho humano por processos produtivos mais modernos, ou seja, Campo Grande já sofre as consequências do fenômeno conhecido como desemprego estrutural ou tecnológico. Este por ser uma das conseqüências dos ajustes e mudanças na economia, provoca alterações no contingente mão-de-obra presentes no mercado, por estar associado ao desenvolvimento tecnológico e industrial. As origens desta modalidade podem também, estar ligadas à insuficiência da procura de bens e serviços, ou da insuficiência de investimento no setor produtivo onde ocorrem as baixas de emprego.

De uma forma resumida, pode-se dizer, concordando com Pochmann (2001) que o desemprego estrutural é o desajuste entre a mão-de-obra demandada pelo processo de acumulação de capital e mão-de-obra disponível no mercado de trabalho. O que a localização das residências dos desempregados atesta ao indicar que mesmo havendo incentivo para instalação de empresas, principalmente as industriais, na periferia da cidade, estas não têm minimizado a existência de desempregados.

Psicossocialmente, a concentração destes sujeitos indica um agravamento do significado social de ser componente dos grupos sociais destas regiões, uma vez que a pauperização na nossa sociedade carrega como consequência a identificação com a marginalidade e baixo índice de atividades de promoção social.

O pensamento assim estabelecido, pela interiorização de uma atividade vinculada à solução de problemas concretos, acarreta emoções específicas, cujas características principais são a maior autenticidade e a significação daquelas vinculadas à lógica emotiva da imaginação fantasiosa. A perda do emprego acarreta problemas práticos e psicossociais para cujas soluções as tarefas concretas estabelecem conexões diferenciadas entre o pensamento e a emotividade. O que neste caso se esclarece pelo entendimento que os sistemas psicológicos resultantes da vida coletiva, cuja formação se dá mais recentemente estão condicionados pela visão preconceituosa sobre os desempregados que encontramos na cidade, onde são referidos genericamente como vagabundos ou indolentes. É um agravante para as suas identidades pessoais e sociais porque dificultam a contratação para novos postos de trabalho porque permeiam a forma de pensar que junto com o sistema de conceitos nos é imposto pelo meio que nos rodeia e inclui também os nossos sentimentos.

2- Sobre a Religião Professada entre os entrevistados

Considerada como elemento regulador de consciências individuais e força ideológica da superestrutura, as religiões que se apresentaram como as mais professadas foram a católica e as evangélicas. Sendo o primeiro grupo o mais expressivo, que apresentou 38% dentre os trabalhadores desempregados, seguido de 26% dos evangélicos. Entretanto, o percentual dos demais entrevistados se diversificam entre: ateu (2%), espírita (3%), os que

não tem religião (10%), os que não responderam (19%) e outras (2%). Entretanto, observa-se que o percentual dos que declararam não ter orientação religiosa é significativo ao acumular 31% dos entrevistados.

O significado social de religião, conforme expresso na maioria dos dicionários é que seria a crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do universo, e como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s). Ou ainda, a manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem em geral, preceitos éticos.

Na perspectiva sociológica, a religião é definida pelas funções que desempenha nos sistemas sociais. De modo geral, é um arranjo social construído para prover uma maneira compartilhada, coletiva de lidar com aspectos desconhecidos e incognoscíveis da vida humana, com os mistérios da vida, morte e existência, e com os dolorosos dilemas que surgem no processo de tomar decisões de natureza moral. Por outro lado, entende-se que as práticas religiosas contribuem para a alienação individual ou de grupos sociais uma vez, segundo Marx (1968), ela pode se tornar o ópio do povo. Para indicar este caráter dificultador da expansão das consciências individuais, ele leva em conta a marca dual do fenômeno e expressa:

A angústia religiosa é ao mesmo tempo a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo. (Marx, 1968, pag. 304).

Apesar de seu pouco interesse pela religião, Marx prestou atenção à relação entre protestantismo e capitalismo. Diversas passagens da sua obra *O Capital* (1968) fazem referência à contribuição do protestantismo à acumulação primitiva de capital – por exemplo, por meio do estímulo à expropriação de propriedades da Igreja e campos comunais, mas, principalmente, por promover a acumulação e a poupança como manifestação da observância dos desígnios divinos. Afirma ele

O culto do dinheiro tem seu ascetismo, seu auto-abnegação, seu auto-sacrifício – a economia e a frugalidade, desprezo pelo mundano, prazeres temporários, efêmeros e fugazes; o correr atrás do eterno tesouro. Daqui a conexão entre o Puritanismo inglês ou o Protestantismo holandês e o fazer dinheiro. (Marx, 1968, pag. 749-750, Tomo I).

O catolicismo, historicamente constituiu-se como uma religião que desde o período medieval alinha-se às condições que permitem a acumulação do capital e que para reproduzi-lo tem que observar as exigências de exploração da força de trabalho humana e reproduzir as determinações do mercado de trabalho. Portanto, não exalta o trabalho como condição de salvação das almas, ao contrário, o apresenta como punição pelos pecados, inclusive o Original. Tais características tornam o catolicismo um dos elementos que compõem a superestrutura do capitalismo e, como tal, não apresenta força suficiente para dirigir a consciência de seus seguidores, deixando-os a mercê das forças sociais mais intensas, como o próprio mercado.

A religião é um dado considerável na pesquisa, visto que, o maior percentual de desempregados encontra-se entre os Católicos, seguido de Evangélicos. O catolicismo mantém-se como o maior grupo religioso, apesar da volumosa perda de fiéis nas últimas décadas, o que por sua vez evidencia um aumento do número de evangélicos e de pessoas que se dizem sem religião. Este último é um dado interessante a ser considerado, já que 31% dos entrevistados se encontram nesta categoria. Porém, isto não significa que eles não

tenham crenças, parece indicar mais uma “des-institucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível”.

No índice de católicos registrado, estão presentes os que de fato disseram ser católicos, já no item evangélico, encontram-se os que se dizem: Evangélicos, Testemunha de Jeová, Adventistas do Sétimo dia, membros da Congregação Cristã do Brasil e Evangélica Batista. O aspecto mais relevante para as características psicossociais dos denominados evangélicos é relativo a condição de pertencerem a grupos religiosos, não ligados ao protestantismo histórico, que afirmam seguir os Evangelhos com especial rigor e fidelidade. Tal especificidade os tornam menos críticos às condições materiais da sociedade.

Outras religiões apareceram na pesquisa: Budistas, Judeus, Mórmons, Luterano, e Umbandistas. A diversidade de religiões pode-se dever à rápida expansão das mesmas, ou seja, novas religiões surgem rapidamente, o que pode fazer com que as pessoas oscilem de uma religião para outra, ou mesmo, não participem de nenhuma.

Também merece consideração a insignificância estatística dos que se declararam ateus. Se considerarmos que a religião é uma instituição cultural que também oferece esperança, podemos deduzir que o sentido pessoal de estar desempregado pode promover a aproximação com as religiões.

Em relação aos entrevistados que se denominaram cristãos, não foi possível identificar qual religião os mesmos professam, ou mesmo se professam alguma religião, visto que eles não especificaram este dado.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, têm ocorrido uma diminuição da porcentagem dos católicos de 83,8% (1991) para 73,8% em (2000). Já com relação aos Evangélicos, houve um aumento da porcentagem de 9,05% (1991) para 15,45% em (2000), bem como um aumento dos que se declaram sem religião que passam de 4,8 (1991) para 7,3 (2000).

Essas porcentagens valem para toda a população Brasileira, mas há, portanto, notáveis diferenças por Estados. A população dos católicos é mais na alta no Nordeste ou em Minas Gerais, e mais baixas no Rio de Janeiro, Espírito Santos e Rondônia. As porcentagens dos Evangélicos são mais altas em Rondônia, Espírito Santos, Roraima, Rio de Janeiro, Goiás e Acre. As porcentagens dos que se dizem “sem religião” são mais altas no Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Espírito Santos, Goiás e Mato Grosso do Sul. Este dado pode ser evidenciado nesta pesquisa, pois, o número de pessoas que se denominam sem religião foi considerável como mostrado anteriormente.

Quanto a sua influência na subjetividade percebe-se que é um fator bastante presente na vida dos indivíduos desempregados, pois estes se “apegam” à religião como fonte de fé para conseguir um novo emprego. E passa a participar na formação da consciência e da identidade do sujeito organizando sua subjetividade, influenciando diretamente na maneira de pensar, agir e se posicionar no mundo. Na condição de desemprego afeta, principalmente, os processos de sustentação da identidade: auto-imagem, relações interpessoais, modo de organização e expressão de emoções e análise da realidade. E todos estes aspectos da religiosidade – ser Católico ou Protestante - terão influencia direta na procura do sujeito por emprego, e algumas particularidades diante deste fenômeno tão presente que é o desemprego.

3- Referências

- MARX, K. e ENGELS F., **A ideologia Alemã** (I-Feuerbach), São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARX, K. **O Capital**, Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- POCHMANN, Marcio. **A década dos mitos**. São Paulo: Contexto, 2001.